

com o sobrenome. "Schach von Wuthenow": é difícil, quase um desafio fonético. Ao contrário: Emilia Gallotti, Eugenie Grandet esvoaçam suave e equilibradamente no espaço acústico. É claro que Eugenie deve ser pronunciado de maneira gálica e não germânica: Öjenie, com o *o* fraco. Igualmente, também entre nós o povo poliu o nome de Eumenes. Usa-se dizer Ömswil.

Estamos chegando ao cerne da questão: a apurada musicalidade do Condor, onde *Martín* destoa. Pudera, as duas consoantes intermediárias soam duras e ásperas. Arranham o ouvido. O patronímico é Marte.

É certamente curiosa esta delicada sensibilidade em um homem que deve o poder às armas. Somente após longa observação cheguei a compreender estas contradições, embora projetem sua sombra sobre todos nós. Todos temos, com efeito, um lado diurno e um lado noturno, e alguns se transformam, com o crepúsculo, em pessoas diferentes. No Condor esse contraste se manifesta singularmente. Seu aspecto exterior continua o mesmo: um homem solteiro de meia-idade, com a postura ligeiramente encurvada de quem está habituado a montar a cavalo. Com um sorriso que adquiriu há muito uma complacente jovialidade.

Mas o temperamento muda. A ave de rapina diurna, o predador que espreita de grandes distâncias e observa os longínquos movimentos, se torna noturna; os olhos descansam na escuridão, o ouvido se aguça. É como se um véu se desprendesse do rosto, abrindo novas fontes de percepção.

O Condor dá importância a uma vista aguda. Raras vezes um homem que use óculos ganha sua confiança, sobretudo quando se trata de postos de comando no exército ou na vigilância costeira. Quem pretende ocupar tais postos é convidado a uma conversa em particular, na qual é investigado a fundo.

Seu gabinete particular dá para o terraço do alcácer através de uma cúpula giratória envidraçada. Durante a conversa, o Condor costuma testar a vista do aspirante indicando-lhe um barco ou um veleiro distante e perguntando qual o seu tipo e sua direção. Naturalmente, o candidato teve de superar antes outras provas exaustivas. Mas o Condor tem de confirmá-las com seu julgamento pessoal.

Com a transformação de rapace diurna em noturna, muda também a inclinação de cão para a de gato. Ambas as espécies são criadas no alcácer. Por razões de segurança, o espaço situado entre o castelo e o fosso vive capinado, tornando-se portanto campo de tiro. Dogues majestosos aí dormitam à sombra dos bastiões ou brincam pela esplanada. Como os animais podem facilmente transmitir moléstias, há uma ponte que vai da praça, na qual estacionam os carros, até a entrada do alcácer.

Quando tenho algo a fazer na esplanada, ali nunca entro sem uma das sentinelas. Fico maravilhado com a tranqüila segurança com que agarram os animais. A mim desagrada até o simples fato de me empurrarem com o focinho ou lambem-me a mão com a língua. Em muitas coisas os animais são mais perspicazes que nós. É evidente que farejam meu medo; se eu chegasse ao pânico...teriam saltado sobre mim. Com eles nunca se sabe onde acaba a brincadeira. Nisto são como o Condor.

Os dogues, escuros tibetanos de goelas amarelas e olhos amarelentos, também servem para as caçadas. Estremecem de prazer quando, nas primeiras horas do dia, ouvem a trompa de caça. Podem-se soltá-los contra os mais poderosos inimigos, o leão e o rinoceronte.